



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13195 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

**RITUAL DO KAHAPÍ: EDUCAÇÃO, TEORIA E PRÁTICAS DA INTELLECTUALIDADE DOS TUKANO SARARÓ YÚPURI BÚBERA PÕRA**

Jussara Garcez Barreto - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Mauro Gomes da Costa - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

**RITUAL DO KAHAPÍ: EDUCAÇÃO, TEORIA E PRÁTICAS DA INTELLECTUALIDADE DOS TUKANO SARARÓ YÚPURI BÚBERA PÕRA**

**Resumo:** O trabalho apresenta uma leitura sobre o kahapí, bebida psicoativa (ayahuasca), a partir do entendimento dos Tukano, sib Sararó Yúpuri Búbera Põra noroeste amazônico. O objetivo é analisar o uso ritual do kahapí e sua relação com a educação tukano. Assim, considerando as pesquisas sobre as propriedades botânicas e farmacológicas, o estudo concebe o kahapí em sua dimensão educativa, isto é, fundamentado nas regras étnicas, em agentes detentores dos conhecimentos e nas finalidades das sociedades originárias. Trata-se de pesquisa em andamento e a metodologia envolve o estudo bibliográfico das áreas da Educação e de indígenas antropólogos e, posteriormente, com aportes da observação participante e da escrita etnográfica. Os resultados apontam para as diferentes terminologias (kahpi, kahapi, karpi, gaapi), relatos de origem, ritos e práticas atuais. As conclusões sinalizam para as relações entre o ritual do kahapí e a educação, a vida social, a cosmologia e a cosmogonia das sociedades ancestrais do noroeste amazônico.

**Palavras-chave:** Conhecimento tukano, kahapí, educação tukano.

**Introdução**

O trabalho tem como objetivo analisar o uso ritual do kahapí e sua relação com a educação tukano. A ayahuasca (LUNA, 2001), a qual, para os Tukano, é conhecida como kahapí, é uma bebida cujo fundamento está associado à educação e à epistemologia tukano sendo que, aqui, concebemos a epistemologia como “um modo de tratar um problema nascido de um pressuposto filosófico específico” (ABBAGNANO, 2000, p. 183). O tratamento dado

ao kahapí, pelos *Yepa-mahsã* (Tukano), parte da perspectiva decolonizadora (SANTOS, 1989, 2008, 2009) na medida em que envolve um pensar a partir das denominações dadas pelos indígenas antropólogos, como kahapí ou karpí (BARRETO, 2018, 2022), gaapi (FERNANDES, 2021), de acordo com o vínculo étnico e linguístico de cada autor. No caso, kahapí ou karpí, está escrito na língua Tukano, enquanto que gaapi está escrito em língua Desana.

O kahapí é uma bebida psicoativa e seu consumo possui regras estabelecidas de acordo com a etnia da qual quem consome pertence e, por isso, possui estratégias de preparo, consumo, experiência formativa e educativa. Seguindo as normas técnicas da linguística, Ramirez (1997) usa a grafia kapí para se referir a ayahuasca, porém, autores tukano, como Barreto et al (2018), a partir do entendimento de que a grafia da língua Tukano deve ser de acordo como é falada, utilizam a grafia kahapí.

Em Barreto et ali (2018, p. 29), a origem do kahapí “decorre da força dos *kumuã* os quais se relacionam aos elementos vitais que completam o poder de *buhpó*, a saber: kumurõ (banco), patu (ipadu), kahapí (bebida alucinógena) e murorõ (tabaco)”. Esses elementos funcionam como agenciadores de conhecimentos, são veículos que permitem navegar no cosmos e acessar os conhecimentos nos domínios dos *waimahsã* que são os detentores de todo o conhecimento. Enquanto que, para Fernandes (2021, p. 28), na versão Desana, o gaapi veio da força de “*Omê Mahsã* (Trovão)”, para outros autores indígenas encontramos a versão sobre a origem do kahapí associado ao nascimento de Khapé Nihi (pai do kahapí) na “maloca *Dya Wii* (Casa de *Mihsipé*) (BARRETO, 2018). O conhecimento do kahapí coloca-se frente a uma racionalidade científica que se apresenta como modelo único e põe em desvantagem outros tipos de conhecimento os quais, por sua vez, requerem um diálogo que ultrapasse a racionalidade científica de uma epistemologia dominante, colonial, ocidentalizada (SANTOS, 2008). Ao mesmo tempo, a emergência das epistemologias subalternizadas envolve o movimento de “virar de ponta-cabeça” (ANDRADE, CALDAS & ALVES, 2019, p.23) para romper com as fontes teóricas “verdadeiras” e assumir que existem outras “verdades” e que esse procedimento não significa desconsiderar as ciências, mas ir além delas.

O kahapí envolve parte de uma estratégia de educação com regras específicas, incluindo a iniciação educativa desde a infância, com ênfase na oralidade, linguagens do canto, discursos, histórias, cerimônias onde o uso ritual da ayahuasca (SHANON, 2002), é movido como um processo de iniciação, como processo educativo.

### **Metodologia**

A pesquisa encontra-se em andamento e a metodologia envolve o estudo bibliográfico envolvendo as áreas da Educação e da Antropologia, com aportes da observação participante, incluindo entrevistas, com vistas ao entendimento da linguagem educativa tukano e sua respectiva teoria, metodologia e prática educacional a ser descrita em um relato etnográfico.

### **Resultados parciais e discussão**

A relação dos tukano com o kahapí é voltada para o modelo de uma educação repleta de regras. Tudo que envolve essa prática educativa tem a ver com a descoberta contínua,

específica, particular, extensa e com variação de ideias que fazem com que os indígenas consigam ser profundos em questões do seu modelo de educação, onde o mesmo tema nunca se esgota, o mesmo assunto nunca é a mesma coisa, e, por isso, está em constante adequação e transformação dos saberes, teorias e práticas de ensino investidas para a formação do sentido do ser humano. De modo que, a iniciação educativa dos tukano começa desde o momento em que a criança é concebida, seja menina, seja menino.

A prática de ensino, consumo e experiência com o kahapí faz parte da educação tukano. Isso marca o tornar-se mulher e homem tukano enquanto experiência educativa. O kahapí é um instrumento, um mecanismo de educação e de transformação através do contato com as ideias ancestrais, as quais se renovam educativamente a partir da compreensão e do ensinamento das formulas de benzimento, das fórmulas musicais. O consumo de kahapí envolve o diálogo entre as regras de educação física associadas às normas de educação ancestral, onde o sucesso da cerimônia depende da capacidade de quem a conduz. O kahapí não se limita à escola, ao professor, mas, projeta uma educação com uma dimensão ampla do ensino da diversidade. Nesses termos é que o kahapí é uma dimensão epistemológica e educacional. Assim, compreende-se que a experiência de cada um com o kahapí possui especificidades, visões diferentes e compartilhadas ao mesmo tempo.

A compreensão sobre o kahapí, isto é, que o consumo deste envolve a experiência do contato com os ancestrais de onde encontram o ensinamento e a educação, e, para isso, é necessário alcançar um nível de experiência profundo, ou seja, quanto maior o contato com o kahapí mais experiências passam a aflorar no intelecto e no corpo, transformando-se em aprendizados educacionais. Da experiência do kahapí surgem os conhecimentos que levam ao entendimento da educação tukano, isto é, cada tukano desenvolve-se dentro do modelo educativo, no qual o resultado é individual dentro de uma pluralidade educativa.

### **Considerações Finais**

A educação tukano está associada à história, a uma localidade, aos mitos e à metafísica. É por isso que o kahapí é vivido e explicitado com uma linguagem aproximada entre os fatores metafísicos e sociais. Assim como se refere a uma episteme de conhecimentos, a qual compreende a metodologia, o conteúdo de aprendizagem, mediados por um alucinógeno, cujo líquido é consumido pelos indígenas, dentre os quais, os Tukano. Além disso, as diferentes formas, as diferentes metodologias da educação tukano são iniciados desde as fases iniciais da vida, da infância, de forma simples e familiar, ou seja, que o acesso à linguagem envolvendo o kahapí é introduzida de forma natural. Essa estratégia é fundamental no amadurecimento e busca pelo acesso ao modelo educativo tukano. Mas, para além do fator técnico-linguístico e da fala-escrita da grafia tukano, entra em questão os valores, os princípios éticos e morais envolvendo o consumo do kahapí, isto é, para a educação tukano, o kahapí é um meio para atingir os intelectuais e educacionais das ancestralidades das sociedades originárias.

### **REFERÊNCIAS**

BARRETO, João Paulo; AZEVEDO, Dagoberto Lima; MAIA, Gabriel Sodré; SANTOS,

Gilton Mendes dos; DIAS JR, Carlos Machado; BELO, Ernesto; BARRETO, João Rivelino Rezende; FRANÇA, Lorena. **Omerô: constituição e circulação de conhecimentos yepamahsã** (Tukano). Manaus: Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI)/Universidade Federal do Amazonas/EDUA, 2018.

BARRETO, João Rivelino Rezende. **Formação e transformação de coletivos indígenas do noroeste amazônico: do mito à sociologia das comunidades**. Manaus: EDUA, 2018.

\_\_\_\_\_. **Úkÿsse: formas de conhecimento nas artes do diálogo tukano**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022.

LUNA, Luis Eduardo. Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural. In: LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2001.

FERNANDES, Jaime Moura. **Gaapi Elemento fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos: fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas/UFAM, Manaus, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SHANON, Benny. A ayahuasca e o estudo da mente. In: LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.